Volume II

Quinta Parte – 4b

Um exemplo de como é viver consciente no Mundo do Desejo, estando renascido aqui

Com o corpo saudavelmente cansado, e em minha Mente uma expectativa lisonjeira, eu deitaria de costas, com as mãos devidamente cruzadas sob a cabeça, e o sono logo tomaria conta de mim como um bálsamo; e antes que eu tivesse esquecido de quem e do que eu era realmente, certamente, alcançaria o objetivo que minha vontade estava intencionada e, ao acordar, encontraria meu corpo em outro lugar, em outra vestimenta, em um sofá perto de uma janela encantada, ainda com os braços cruzados atrás da cabeça – na atitude sacramental.

Então, eu alongaria meus braços e me libertaria de minha vida exterior, como uma borboleta recém-nascida da durabilidade de seu próprio casulo, com uma sensação indescritível de juventude, força, frescor e felicidade; e abrindo os olhos veria, na poltrona vizinha, a imagem de Mary, também deitada, mas imóvel e inanimada como uma estátua. Nada poderia despertá-la para a vida até que chegasse a hora: o tempo dela era um pouco mais tarde, pois, ela ainda estava nas labutas da vida exterior que eu tinha acabado de deixar para trás.

No caso dela, essas labutas eram mais complicadas do que no meu. Embora ela tivesse desistido do mundo, tinha muitos amigos e uma imensa correspondência. E então, sendo uma mulher dotada de saúde e energia ilimitadas, esplêndido dinamismo usando as emoções para influenciar o comportamento humano e uma grande capacidade para os negócios, ela tomou para si muitos cuidados e ocupações.

Ela era a provedora virtual de um lar para mulheres que tinham perdido a sua virgindade antes de casar-se e para mulheres promíscuas, de um reformatório para ladrões juvenis e de um hospital infantil de convalescença – a tudo isso ela deu sua superintendência pessoal imediata e quase todos os centavos que possuía. Ela havia alugado sua casa em Hampshire e vivia com duas criadas em uma pequena casa mobiliada em Campden Hill. Ela não transitava em carruagem e andava de táxis e ônibus, vestida como uma

governanta diarista, embora ninguém pudesse parecer mais majestoso do que ela quando estávamos juntos.

Ela ainda manteve seu nome e título, como uma poderosa arma de influência em nome de suas instituições de caridade, e o manipulou impiedosamente em seu constante ataque à bolsa do benevolente filisteu, que gosta de pessoas boas.

Tudo isso deu origem a muitos comentários que não afetaram em nada sua serenidade.

Ela também participou de palestras, comitês, conselhos e reuniões; abriu bazares, cozinha de sopas e tavernas de café, etc. A lista de suas tarefas a serem cumpridas eram intermináveis. Assim, sua vida rotineira estava transbordando e, ao contrário da minha, cada hora dela valeu a pena ser registrada – como eu bem sei, que testemunhei tudo isso. Mas este não é o lugar para escrever a vida rotineira da Duquesa de Torres; outras mãos fizeram isso, como todos sabem.

Cada página daqui em diante deve ser sagrada para Mary Seraskier, a "fada Tarapatapoum" de "Magna sed Apta" (pois assim chamávamos a nova casa e palácio de arte que ela acrescentara a "Parva sed Apta", a casa de sua infância).

Voltando para a parte da história onde a deixamos inconsciente. Logo pudemos notar a cor rosada nas suas bochechas, a respiração em suas narinas, a pulsação de seu coração, e ela acordaria para seu Éden, como costumava chamar – nossa vida interior comum – para que pudéssemos passar na companhia um do outro pelas próximas oito horas.

Enquanto não chegássemos a esse momento feliz, faria café (que café!) e fumaria um ou dois cigarros; e para apreciar plenamente a bem-aventurança de que é preciso ser um fumante habitual que vive sua vida real em uma prisão inglesa.

Quando ela acordou de seu agitado transe de dezesseis horas no mundo de vigília, uma escolha de prazeres estava diante de nós como nenhum outro mortal jamais conheceu. Durante toda a vida ela foi uma grande viajante, morou em muitas terras e cidades e viu mais da vida, do mundo e da natureza do que a maioria das pessoas. Eu tive apenas que segurar sua mão, e um de nós teve apenas que desejar e, eis! onde quer que qualquer um de nós tenha estado, ou o que qualquer um de nós tenha visto, ouvido ou sentido, ou mesmo comido ou bebido, lá estava tudo de novo para escolher e para compartilhar tudo

com o outro – um hipnotismo de nós mesmos e um ao outro como nunca se sonhou antes.

Tudo era tão real para nós dois, tal qual como ocorreu no momento presente do seu acontecimento, com um frescor e charme adicional que nunca houve na existência mortal. Não foi um sonho; era uma segunda vida, uma terra melhor.

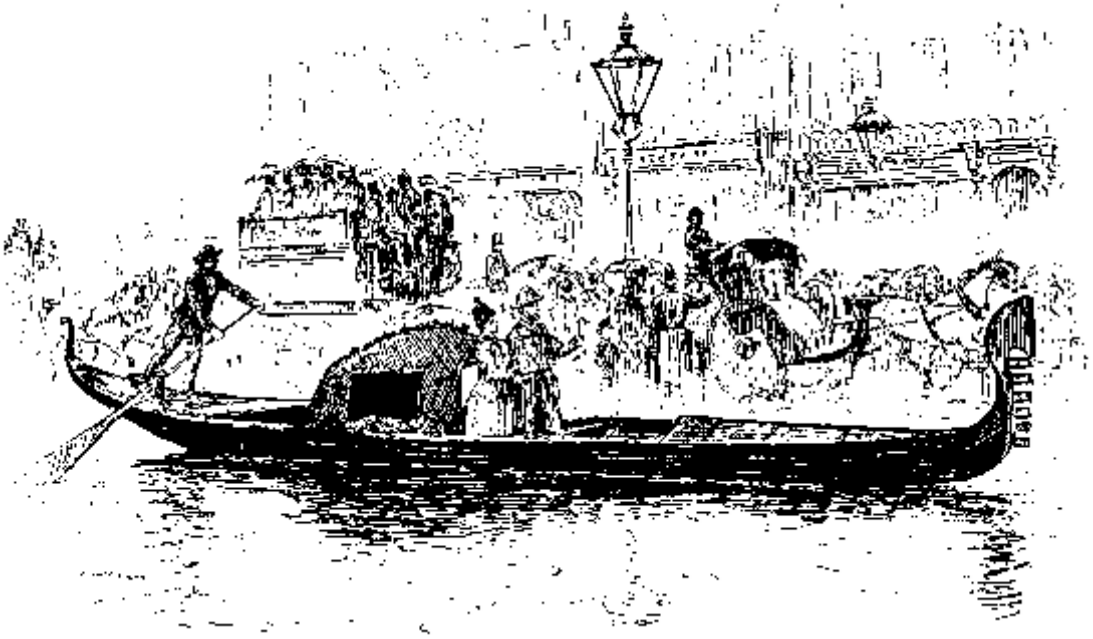
No entanto, tínhamos que ficar dentro de certos limites e ter cuidado para não transgredir certas leis que descobrimos por nós mesmos, mas não conseguíamos explicar. Por exemplo, era fatal tentarmos façanhas que estavam fora de nossa experiência real; voar, pular de uma altura ou fazer qualquer uma dessas coisas não naturais que fazem o encanto e a maravilha dos sonhos comuns. Se o fizéssemos, nosso sonho verdadeiro se desfaria e se tornaria um sonho comum – vago, fútil, irreal e falso – o tecido infundado de uma visão. Nem devemos nos modificar em qualquer outra forma; mesmo na forma de uma unha, e sim devemos permanecer nós mesmos; embora nos mantivéssemos no nosso melhor e escolhermos a idade que deveríamos ter. Escolhemos entre vinte e seis a vinte e oito anos e nos mantivemos firmes.

No entanto, havia muitas coisas, quase impossíveis na vida real, que poderíamos fazer com impunidade – as coisas mais deliciosas!

Como exemplo, depois da xícara de café para acordar, certamente foi delicioso passar algumas horas no Vale de Yosemite, passeando vagarosamente e contemplando os pinheiros gigantes – uma fonte inesgotável de deleite para nós dois – respirando o ar fresco perfumado, olhando para nossos companheiros de turismo e ouvindo sua conversa, com a agradável consciência de que, sólido e substancial como éramos uns para os outros, éramos bastante inaudíveis, invisíveis e intangíveis para eles. Frequentemente, dispensávamos os turistas e tínhamos o Vale de Yosemite só para nós. (Sempre lá, e em qualquer lugar que ela tivesse visitado com seu marido, nós dispensaríamos a figura dela e dele, uma visão que eu não poderia ter suportado).

Depois de passear e contemplarmos toda essa plenitude, novamente foi encantador, apenas por um ligeiro esforço de sua vontade e alguns momentos de fecharmos os olhos, nos encontramos percorrendo pela Via Cornice para um belo concerto no jardim em Dresden, ou sendo levado a remo na gôndola para um Concerto de sábado no St.

James's Hall. E dali, pulando em um cabriolé, seríamos levados rapidamente pelo Piccadilly através do parque até o Arco do Triunfo, onde ficava a casa de “Magna sed Apta”, Rue de la Pompe, Passy (uma viagem charmosa e não muito longa), chegando a tempo de jantar.



Para o St. James’s Hall, Piccadilly

Um jantarzinho muito delicioso, criteriosamente pedido fora de sua lembrança, não a minha (e servido na pequena sala de jantar mais requintada de toda Paris – a Princesse de Chevagné): “Ostras de Ostende”, digamos, e “ soupe à la bonne femme”[1], com um “perdiz com repolho”, em seguida panquecas e “queijo Brie”; e para beber, uma garrafa de “Romané Conti” e sem o incômodo dos garçons para trocar os pratos; um desejo, um momento de fechar os olhos – no instante! e estava feito – e então poderíamos esperar um ao outro.

Depois de minha passagem pela prisão, e com nada além de jantares a dez centavos em Londres, para me lembrar no passado imediato, acredite, que não serei considerado um materialista grosseiro por apreciar esses pequenos banquetes e em tal companhia. (O único jantar de que me lembro que não foi de dez centavos, exceto os velhos jantares da

[1] N.T.: é a designação francesa para pratos caseiros preparados de maneira simples, nutritivos e saborosos.

minha infância, foi aquele famoso jantar em Cray, onde descobri que a Duquesa das Torres era Mimsey Seraskier, e não ingeri isso muito bem)

Depois um cigarro e uma xícara de café e um copo de curaçao; e depois, para chegar ao nosso camarote privado, tínhamos apenas que atravessar a sala e levantar uma cortina.

E diante de nós estava o teatro ou a ópera brilhantemente iluminada, os instrumentos afinando e a esplêndida companhia chegando: cabeças coroadas, belezas famosas, guerreiros e estadistas de renome mundial, Garibaldi, Gortschakoff, Cavour, Bismarck e Moltke, agora tão famoso, e quem não? Mary iria apontá-los para mim. E na próxima caixa o Dr. Seraskier e sua alta filha, que parecia amiga de toda aquela multidão brilhante.

Agora era São Petersburgo, agora Berlim, agora Viena, Paris, Nápoles, Milão, Londres – cada grande cidade por vez. Mas nosso camarote foi sempre o mesmo, e sempre o melhor da casa, e eu a única pessoa com o privilégio de fumar meu charuto diante de toda aquela realeza, com estilo e esplendor.

Então, após a abertura, subiu a cortina. Se fosse uma peça em linguagem alemã, russo ou italiano, bastava tocar o dedo mínimo de Mary para entender tudo – uma coisa verdadeira, mas incompreensível. Pelo que pude entender, eu não poderia ter falado uma palavra sobre nenhum dos dois, e no momento em que aquele leve contato foi interrompido, eles poderiam estar encenando em grego ou hebraico, para mim.

Mas foi pela música que sentimos mais atraídos, e acho que posso dizer que da música durante esses três anos (e desde então) que tivemos nossa abundância. Durante toda a sua vida agitada em vigília, Mary encontrou tempo para ouvir qualquer música boa que estava acontecendo em Londres, para que, à noite, pudesse trazer até mim; e ensaiávamos juntos, de novo e de novo, e desde o começo.

É um raro privilégio para dois indivíduos, sendo um deles condenado, assistir a uma apresentação agraciada pelo patrocínio e presença de cabeças coroadas, e ainda ser capaz de repetir qualquer coisa particular que os agrade. Quantas vezes temos feito isso!

Ao camarote

Oh, Joachim! oh, Clara Schumann! ah, Piattil – todos eu conheço tão bem, mas nunca os ouvi com o ouvido físico! Oh, outros, a quem seria desagradável mencionar sem mencionar todos – uma lista gloriosa! Como te deixamos, todo inconsciente, repetir sempre os mesmos movimentos, sem nunca ver em você um sinal de impaciência ou cansaço! Quantas vezes chamamos Liszt para tocar para nós em seu piano favorito, que adornava nossa sala de estar favorita! Quão pouco ele sabia (ou saberá agora, infelizmente!) que deleite precioso ele nos deu!

Oh, Pattit, Angelina! Oh, Santley e Sims Reeves! Oh, De Soria, rouxinol da sala de estar, eu me pergunto se ainda resta uma nota!

E você, Ristori, e você, Salvini, e você, divina Sarah, quem começou então! Disseram-me que sua adorável voz perdeu um pouco de seu frescor original. Isso não me surpreende! Claro, temos algo a ver com isso!

* * * * *